

Runas, o antigo alfabeto Futhark e seus aspectos histórico-mitológicos da cultura escandinava.

Bruno Luvizotto Carli*

Resumo: As Runas, antigo alfabeto arcaico, poderiam ter sido consideradas pelos antigos nórdicos como símbolos mágicos e divinos, porém a arqueologia hoje não pode nos fornecer qualquer informação comprobatória a respeito disso. As runas recebem uma conotação de “segredo” ou “mistério”, talvez por seus conteúdos gramaticais, na época antiga, serem conhecidas apenas por poucas pessoas, sendo então reconhecida como mistério para os leigos da época. Há de fato muito pouco estudo acerca das runas em nosso país, sendo a maioria deles de cunho esotérico, e com baixo nível de conhecimento realmente científico, o que nos revela um empobrecimento do conhecimento sobre o tema. Há também, semelhanças entre as grafias rúnicas do período arcaico com algumas escrituras modernas que encontramos pelas ruas em forma de grafites, poderiam estas arcaicas formas de escrita ter chegado à época contemporânea inconscientemente?

Palavras chave: Runas, Alfabeto Viking, Mitologia Escandinava.

Abstract: Runes, ancient archaic alphabet, could have been considered by the ancient Norse as magical and divine symbols, but the archeology today cannot provide us any information about proving it. The runes receive a connotation of "secret" or "mystery", perhaps because their grammatical content, in ancient times, were known only by a few people, then being recognized as a mystery to the lay of the season. There is actually very little study of the runes in our country, most of them esoteric, and low level of scientific knowledge really, which reveals an impoverishment of knowledge on the subject. There are also similarities between the runic spellings of the archaic period with some scriptures that we found on the streets in the form of graffiti, could these archaic forms of writing have reached the contemporary era unconsciously?

Keywords: Runes, Viking Alphabet, Scandinavian Mythology.

Introdução

As Runas existem a muito tempo e muito pouco sabe-se sobre elas, a própria palavra “Runa” segundo Blum (1991) tem o significado de “uma coisa secreta, um mistério”. Um mistério este que vem a ser selado por trás de inscrições arcaicas da era pré-cristã. Caiu (1991) apud Looijenga (2003, Pg. 08) também confirma esta definição comentando que:

*Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Unibrasil;

As palavras Runa, garuni aparecem cerca de quatro vezes na Bíblia gótica. Wulfila usa runa por exemplo para traduzir do grego *mysterion* (...) Alguns significados de OE run- são sussurro, mistério, segredo, o que está escrito com a idéia de mistério ou magia, e por último mas não menos importante, runa, letra (cf. Caiu 1991:195 e ss.).¹

Thorsson (1992, pg. 2) apresenta uma tabela com seus significados referentes à dialética das regiões onde as Runas apresentaram maior influência:

<i>Dialeto</i>	<i>Palava</i>	<i>Significado</i>
Antigo Nórdico	<i>Rún</i>	Segredo, conhecimentos secretos, sabedoria; símbolos mágicos, caracteres escritos.
Gótico	<i>Rúna</i>	Segredo, mistério. Wulfilas, na sua tradução Gótica da bíblia no quart século, usa este termo para traduzir o grego <i>μυστήριον</i> .
Inglês antigo	<i>Rún</i>	Mistério, conselho secreto.
Antigo Saxão	<i>rúnn</i>	Mistério, segredo.
Alto Alemão antigo	<i>Rúna</i>	Miatério, segredo.

Howard (1990) também apoia estas teorias a respeito de seu significado:

As definições da palavra 'runa' são múltiplas e variadas. Ela pode ser rastreada até ao Antigo Nórdico e Anglo-Saxão *run*, no início, em Islandês *runar* e *runa* no Antigo Alemão. Estes, por sua vez, são derivados da raiz da palavra Indo-Europeia *ru*, o que significa, alternativamente, "mistério" ou "segredo", e em Alto Alemão Antigo, *runer* é normalmente traduzido como "sussurro" (HOWARD, 1990, p.7)

A palavra mistério é citada por vários autores, mas aparentemente a origem do significado parece ter se originado em decorrência da pouca falta de conhecimento dos povos em relação à escrita e interpretação de certos símbolos em épocas mais remotas.

A palavra nórdica *run* foi utilizado em dois sentidos. O significado primário era "um mistério" ou "conhecimento misterioso." Também significava uma letra do alfabeto, como foi usada antes das letras romanas entrarem em uso. Os ignorantes, que eram a

¹ Tradução do autor

maioria, considerariam letras como um mistério, daí a palavra *rún* foi aplicada a eles. Estas runas tinha um significado mágico, além de um valor alfabético, e aparentemente algumas runas mágicas não eram letras no sentido comum. (MACCULLOCH, 1930, Pg. 295)²

As Runas poderiam possuir diversas utilidades sendo oráculos divinatórios, escrita através de sua grafia, instrumento de autoconhecimento, poderiam também, ter sido utilizadas pelos antigos vikings como símbolos mágicos de poder e outros conhecimentos ocultos que ainda passam a ser um mistério. Paxson (2009, Pg. 140) comenta que “Hoje as runas são mais conhecidas como meios de divinação. Mas de acordo com a prática antiga, é claro que eram (e são) usadas em cura e em magia ofensiva e defensiva.”

As práticas de adivinhação, profecia e magia eram comuns no Norte pagão, mas foi estabelecida uma distinção entre magia legal e a ilegal. As divindades forjaram mágica, mas isso se refletiu sobre eles a partir da prática humana. (MACCULLOCH, 1930, Pg. 295)³

Segundo o Professor Langer, não se pode considerar a hipótese de que as Runas teriam sido utilizadas na divinação ou em magia, por elucidar que as fontes que relatam estas práticas são oriundas de eras pós-cristãs, onde grande parte do conhecimento já havia se perdido, por detrimento da antiga cultura, e influenciar estas práticas a partir de meios esotéricos.

Não se sabe exatamente que runas eram utilizadas para previsão do futuro e nem que métodos de leitura eram empregados, ao menos durante a Era Viking. Os manuscritos medievais conhecidos como *galdraboks* são muito posteriores e contém influências mágico-esotéricas alheias à religiosidade pré-cristã. (LANGER, 2008, p. 107)

Langer (2008) ainda afirma que “O estudo das runas ainda é extremamente precário em nosso país, mesmo dentro da academia.” Talvez por sua imagem e conhecimento a respeito serem pouco difundidas, tanto quanto por que as poucas fontes que dispomos a respeito são de cunho esotérico.

A partir de revisões complexas acerca dos aspectos históricos, antropológicos, religiosos e mitológicos podemos buscar maior compreensão sobre o tema. As

² Tradução do autor

³ Tradução do autor

pesquisas a respeito das Runas devem continuar a fim de revisar e sintetizar as informações publicadas, sanando questões duvidosas deixadas por fontes bibliográficas que encontramos hoje, buscando resgatar as culturas e práticas antigas que foram esquecidas e/ou mal compreendidas com o tempo, levando em consideração que as Runas então, possuem seus aspectos gramaticais, culturais, mágicos, proféticos, simbólicos e históricos.

As Runas são símbolos que pertenceram à cultura nórdica há muito tempo, e vários foram os mitos que surgiram a seu respeito. Muitas são as obras literárias que apresentam estes símbolos como símbolos esotéricos e místicos, relacionados à vidência e práticas mágicas (Paxson, 2009; Howard, 1990; Lima, 1995; Blum, 1991; Thorsson, 1992.). Estudos mostram que inscrições rúnicas podem ter sido utilizadas em magia como comenta Looijenga (2003, p. 114) “O próprio ato de inscrever um objeto pode implicar que visava alguma magia, no sentido de que a adição de letras a um objeto que aumentaria seu poder intrínseco”. Apesar de poucas informações arqueológicas poderem confirmar isto, segundo o autor,

Os objetos que foram oferecidos e enterrados podem ter sido inscritos para servir alguma função ritual, mas isso é difícil de provar, já que não temos quaisquer textos ambíguos que confirmassem tal função. É impossível identificar para além de qualquer dúvida, textos que são indiscutivelmente religiosos, ou que se referem ao sobrenatural. (LOOIJENGA, 2003, p. 113)

O pouco conhecimento a respeito das tradições e culturas escandinavas, desperta o grande interesse de pessoas que almejam o conhecimento de diferentes tradições, principalmente as que foram perdidas e esquecidas com o tempo. As Runas, juntamente com seus mistérios e segredos nos trazem também grande conhecimento e enriquecimento espiritual, assim como para os esotéricos e seguidores de religiões e culturas pagãs, as runas participam de suas práticas como símbolos divinos. O mercado hoje disponibiliza para as pessoas vários produtos, dentre livros, revistas, jogos eletrônicos, e muitos outros, voltados à fantasia, porém os princípios históricos desta fantasia provêm de realidades folclóricas histórico-culturais pouco conhecidas e abordadas, principalmente o panteão nórdico, cujo possuem deidades e tradições muito vistas hoje em filmes, histórias em quadrinhos e jogos, porém com versões distorcidas pela modernidade e pela mídia da real tradição onde foi concebida, supõe que nem precise comentar à respeito da imagem americanizada do Deus Thor.

Perguntas como: De onde vieram e como surgiram? Para que servem? São instrumentos de magia? Por que e por quem são usadas? Por que foram esquecidas? Quais resquícios de sua existência ainda, vemos no mundo contemporâneo? São frequentes ao falarmos sobre o assunto, e para descobrir sobre tais mistérios, precisaremos adentrar na cultura do mundo germânico, pois como comenta Looijenga (2003) que “Runas e objetos portadores de runas não podem ser estudados sem dar-lhes o seu lugar dentro da sociedade que as produziu. Estabelecer os contornos deste contexto constitui uma parte importante deste estudo.” Por isto precisamos estabelecer relações entre a cultura mitológica que apresenta em seu conteúdo, informações acerca dos mistérios das Runas. A Edda, é o conjunto de textos prosaicos mais antigo dos quais extraímos informações a respeito da mitologia nórdica, escrita por autor anônimo, as Eddas nos contam histórias de como por exemplo, Odin, principal divindade do panteão nórdico, pai de todos os deuses, descobre as Runas depois de se pendurar na árvore dos mundos.

*Eu sei, que eu fui suspenso
na árvore fustigada pelo vento
por nove noites inteiras,
ferido pela lança e devotado a Óðinn,
eu mesmo para mim mesmo,
na árvore que ninguém sabe
de onde todas as raízes correm.*

*Não me alegraram com pão
nem com o chifre de beber,
eu olhei para baixo,
eu apanhei as runas,
as peguei gritando,
e eu caí dali. (Hávamál 138-139)⁴*

Hávamál (Palavras do Altíssimo) é o segundo poema da Edda Poética. Este tesouro foi preservado apenas no Codex Regius e acredita-se que sua composição original seja datada do início do século 10 d.c. e derivado da antiga tradição oral. O poema é mencionado por Eyvindr skáldaspillir em sua obra Hákonarmál (de cerca de 960 d.c.). Snorri Sturlusson cita uma estrofe do Hávamál na sua Edda em Prosa. Além de conselhos sábios o poema narra a magia das runas e o sacrifício de Óðinn na árvore Yggdrasil. (MOREIRA, 2009)

As Runas apresentadas aos humanos por Odin, segundo a mitologia, são um alfabeto mágico, composto por 24 caracteres, sendo cada símbolo representado por uma letra e um significado específico. Este alfabeto conhecido por Elder Futhark (Antigo

⁴ Tradução de Marcio Alessandro Moreira (Vitki Þórsgoði) [2009].

Futhark), assim denominado pela colocação de seus seis primeiros símbolos que compõem o alfabeto. Neste sentido há teorias controversas como a proposta por Karlsson (2002) seguindo estudos do professor Sigurd, onde apresenta o Uthark

Uma versão disputa do Futhark Elder é o "Uthark". De acordo com o professor Sigurd Agrell, quem publicou muitos livros sobre o assunto durante noventa e três, a primeira runa deve ser colocada por último. Desse modo a linha rúnica com um novo significado, de acordo com teorias numerológicas cresceram. (KARLSSON, 2002)

Segundo esta teoria a primeira runa do alfabeto seria colocado por último para esconder os segredos dos não iniciados nas artes rúnicas. Além do Elder Futhark também há registros do alfabeto Anglo Saxão, conhecido também como Younger Futhark (Jovem Futhark) composto por 33 caracteres rúnicos.

O Alfabeto Futhark segue a seguinte forma:



Ao longo dos séculos, a escrita rúnica parece ter evoluído gradualmente a partir de inscrições curtas (uma ou poucas palavras) para textos mais longos. Inicialmente, as mudanças foram mínimas. Isto pode ser devido, pelo menos em parte, ao tamanho dos objetos. (LOOIJENGA, 2003, p. 106-107)

Outra questão hipotética é deixado por Looijenga (2003):

As inscrições do período do antigo fupark são considerados como sendo os mais intrigante de todos. Isto porque a questões básicas sobre a origem e o propósito do alfabeto rúnico ainda têm de ser respondidas. Nossa primeira questão deve, portanto, ser, por que e por quem foram introduzidos runas sociedade germânica? É impossível estudar as inscrições mais antigas, sem considerar essas questões.⁵ (LOOIJENGA 2003, p. 10)

Outro ponto a ser observado é a evolução histórica dos símbolos, os quais ainda podemos ver, representados nas ruas em formas de pichações e grafites, seria possível esta arcaica forma de escrita ter chegado aos tempos contemporâneos inconscientemente, sem que as pessoas tenham consciência de sua origem?

⁵ Tradução do autor

Hoje ainda notamos várias inscrições rúnicas sem percebermos sua existência, por expressões visuais da arte urbana que encontramos na rua, pichações e grafites ainda são utilizados de símbolos que se assemelham às Runas em sua escrita e significado gramático. As Runas teriam evoluído com o tempo, o antigo alfabeto Futhark teria possivelmente dado origem ao alfabeto moderno que utilizamos hoje. Como disse Thorsson (1992) ‘‘As raízes da tradição rúnica foram escondidos de nossa vista por várias centenas de anos, mas agora a idade tão esperada chegou, em que o poder dos mistérios rúnicos voltará a ser manifesto’’.



Não há nada que comprove esta teoria de que as Runas teriam evoluído ao alfabeto contemporâneo, nem que os autores destas artes urbanas tenham algum conhecimento em Runas ou algo do gênero, mas de fato existe certa semelhança entre alguns caracteres como o ‘‘M’’ (M), ou ainda o ‘‘R’’ (R), que possuem uma característica em comum, representando a mesma letra na gramática.

Concluindo.

Na antiga era viking, os povos escandinavos poderiam ter utilizado as Runas como arte divinatória utilizando-as como oráculo, para eles estas serviam como símbolos místicos que poderiam ser utilizados em rituais mágicos, feitiçaria e gravando seus símbolos ou mensagens escritas em suas armas, casas e túmulos, assim como gravando-as em peças de talismãs, acreditando que lhes dariam força e proteção. Porém não há indícios histórico-arqueológicos que comprovem estas hipóteses. Acreditavam os nórdicos que as Runas teriam sido descobertas por ‘‘Odin’’, uma deidade do panteão nórdico sendo considerado o pai de todos os deuses. Isto considerando o mito que permeia o seio da cultura escandinava. Hoje notamos a utilização das Runas como oráculo no meio esotérico, sendo cravadas em pedras ou em cartas de tarot. Os seguidores do paganismo ou neo-paganismo atual ainda as utilizam como ferramentas

mágicas, em feitiçaria ou em inscrições mágicas. De fato as Runas são inscrições arcaicas com significados que podem servir como instrumentos de autoconhecimento e autoajuda, podendo ser utilizadas em magia desde que consagradas devidamente, segundo alguns autores esotéricos, como a Ligia do Amaral Lima (1995). Estas inscrições guardam segredos que cabe a cada indivíduo distinto compreender para si o que cada símbolo representa. Historicamente, autores afirmam que as Runas teriam objetivos gramaticais, sendo gravados em objetos como assinatura ou transmitindo alguma história, conto ou mensagem quando gravada em paredes, pedras e objetos encontrados. Então não somente eram utilizadas em magia, mas também como forma de escrita de uma época arcaica, e poderia ter sido precursora do alfabeto moderno, porém também nada comprova esta hipótese.

É necessário dar continuidade à pesquisa na área para quem sabe um dia, esclarecer, através de revisões bibliográficas e pesquisas de campo, fatos relacionados às Runas, em seus aspectos antropológicos, arqueológicos, ‘mágicos’, utilidades e religiosidade envolvida no tema, e principalmente, desvendar o seu ‘mistério’, assim como difundir um assunto pouco conhecido e muito pouco estudado ao menos aqui no estado do Paraná, e como já mencionado pelo Professor Johnni Langer, no nosso país. De fato encontramos documentos, artigos de revisão e livros sobre o assunto em nosso país, porém em regiões distantes e em baixa quantidade de pesquisas realmente científicas, outra parcela de material bibliográfico é originária de países de fora, o que aumenta mais ainda a necessidade de haver um estudo acerca deste conteúdo em nossa região. Os livros que encontramos a respeito das Runas são de classificação esotérica e com conteúdos pouco aprofundados, sendo este um estudo de bibliográfico, relacionado à antropologia, arqueologia e história, difundindo assim um vasto assunto, pouco conhecido dentre muitos. A cultura germânica é muito rica, e pouco estudada, a literatura existente sobre o tema geralmente possui poucas referências e geralmente informações fraudulentas, um foco principal desta pesquisa é mostrar que o objeto de estudo deve ser pesquisado levando em consideração os aspectos históricos, antropológicos, arqueológicos, etnográficos e religiosos, e não tratado apenas como simples assunto esotérico, sendo este um estudo baseado em profunda pesquisa bibliográfica e científica, visando focar na complexidade do tema, gerando um estudo global acerca da pesquisa. De onde vieram e como surgiram? Para que servem? São instrumentos de magia? Por que e por quem são usadas? Por que foram esquecidas? Quais resquícios de sua existência ainda vemos no mundo contemporâneo? São

perguntas que deverão ter uma explicação plausível, baseada em informações bibliográficas disponíveis em termos históricos.

Todos os cientistas começam o seu trabalho a partir do trabalho dos seus predecessores, descobrem problemas que eles consideram ser significativos, e através da observação e do raciocínio, tentam trazer algum tipo de contribuição para o conjunto crescente de teorias. (RADCLIFFE BROWN, 1989. Pg. 280)

Referências

- LOOIJENGA, Tineke. **“Texts and Contexts of the Oldest Runic Inscriptions”**. Koninklijke Brill NV, Leiden, Boston, 2003;
- THORSSON, Edred. **“Futhark a Handbook of Magic”**. Samuel Weiser, Inc. 1992;
- MACCULLOCH, John Arnott. **“Eddic Mythology”**. Archaeological Institute of America Marshall Jones Company – Boston, 1930;
- PAXSON, Diana L. **“Asatrú: um guia essencial para o paganism nórdico”**. Pensamento. SP, 2009;
- MOREIRA, Marcio Alessandro (Vitki Þórsgoði). **“O Hávamál”**. 2009;
- KARLSSON, Thomas. **“Uthark o lado noturno das runas”**. Ouroboros, 2002;
- LANGER, Johnni. **“Runas e Magia”**. Brathair, 106-107, 2008;
- LIMA, Ligia do Amaral. **“Iniciação às Runas”**. Nova Era. RJ, 1995;
- HOWARD, Michael. **“Understanding Runes: Their origins and magical power”**. Aquarian. England, 1990;
- BLUM, Ralph. **“O Livro de Runas”**. Ed. Bertrand, 1992.